



DESCARTE

# A cidade subterrânea do lixo: conheça o aterro para onde vão quase 40% dos resíduos produzidos no RS

Os dejetos produzidos no Estado vão, em grande parte, para o mesmo lugar. Mas o aterro sanitário de Minas do Leão, o maior do sul do país, é bem diferente da imagem de um lixão como o conhecemos

20/06/2019 - 20h46min  
Atualizado em 21/06/2019 - 12h25min

JÉSSICA REBECA WEBER

JEFFERSON BOTEGA Foto



Visão geral mostra a área coberta por argila, onde o lixo mais recente foi depositado e, ao fundo, o gramado cobrindo os resíduos mais antigos. Jefferson Botega / Agência RBS

Um município de 8 mil habitantes na Região Carbonífera é o destino final de quase 40% do lixo domiciliar produzido em todo o Rio Grande do Sul. A 90 quilômetros de Porto Alegre, **Minas do Leão** acabou virando sinônimo do aterro sanitário que abriga em seu território. É o maior do sul do Brasil e o sétimo em recebimento diário de todo o país.



A casca da bergamota que você comeu em Porto Alegre ou a borra do café que passou em Piratini, no sul do Estado, pegam a BR-290 até serem enterradas ali — e darem retorno de três formas diferentes à empresa responsável por esse processo. Vinte e quatro horas por dia, debaixo de chuva ou de sol, caminhões e carretas passam incessantemente pelos portões da Companhia Rio-grandense de Valorização de Resíduos (CRVR) carregando o lixo de 92 municípios gaúchos ou do sul de Santa Catarina.

## LEIA OUTRAS PARTES DESTA REPORTAGEM

**Minas do Leão tem economia movida pelo lixo**



**260 toneladas de resíduos recicláveis da Capital são enterradas por dia em aterro de Minas do Leão pela falta de separação de lixo**



Ao tentar visualizar esse lugar, o que vem à sua cabeça? Uma montanha de restos de comida e embalagens rodeada por moscas? Catadores trabalhando em condições degradantes? Quase consegue sentir o cheiro de podre? A reportagem não constatou nada disso durante visita à Central de Resíduos do Recreio, o nome oficial do aterro de **Minas do Leão**.

O primeiro olhar dos visitantes, quando entram na propriedade, é de um morro de grama aparada, dividido em camadas, ou níveis, que lembra um bolo de casamento. Trata-se de uma fase já finalizada do aterro, com 1 milhão de toneladas de lixo já tapado.



Na outra fase, a do aterro em utilização hoje, onde o lixo é depositado e compactado por máquinas e coberto com argila, os funcionários da empresa nem colocam a mão nos rejeitos.

Os caminhoneiros que os trazem não saem dos veículos, e o fotógrafo de GaúchaZH foi impedido de se aproximar por regras de segurança. Apenas servidores autorizados, equipados com óculos, máscara, capacete, colete refletivo e uniforme, podem circular no local.

Nenhum rato ou barata foi visto pela reportagem — os domingos, único dia em que não há atividade na central, são dedicados à detetização da área. Há mais de 150 hectares de floresta plantada ao redor do aterro, que servem de barreira visual e, também, para evitar que algum eventual odor se espalhe.

— O povo de Minas do Leão ficava em dúvida sobre como seria o aterro. Achava que seria um lixão. Mas não é assim, não tem lixo destapado. É tudo controlado. Se há algum cheiro na região, não vem daqui — diz Carlos Felipe Ribeiro Luis, 30 anos, morador de **Minas do Leão** desde que nasceu e funcionário do aterro há nove anos.

## Mina desativada foi aproveitada

O local ainda tem uma particularidade considerada inovadora para o Brasil à época de sua instalação, em 2001, ao continuar servindo à atividade que marcou o desenvolvimento do município desde sua criação — **Minas do Leão** teve origem nas primeiras descobertas de carvão no século 19. O lixo é depositado no ventre de uma mina desativada. A ideia é preencher uma cratera de 75 metros de profundidade, chamada cava, resultante da extração de carvão na Mina do Recreio.

— É uma antiga área de extração que foi preparada, impermeabilizada, e está sendo recuperada com a disposição e tratamento final de resíduos urbanos. Era um espaço impactado pela mineração, e estamos devolvendo a topografia original. Depois, poderá servir a outro tipo de utilização — explica o engenheiro civil Henrique Antunes, coordenador da unidade, acrescentando que, quando acabar a vida útil do aterro (estimada em 23 anos), um parque para a comunidade ou a disposição de painéis de energia solar são algumas das possibilidades de aproveitamento do espaço.

## LEIA OUTRAS REPORTAGENS DO CADERNO DOC

**Cem anos de Nelson Gonçalves: o Metrô está sendo reabilitado para o futuro**



**'Dá para ser feliz com chefe chato', garante consultora de empresas Celina Joppert**



**Estudantes do IFRS criam veículo que anda 343 quilômetros com um litro de gasolina**



Os efluentes líquidos (*chorume*) ainda são tratados e usados como água de reuso na lavagem do carvão da mineradora, empresa que tem participação na CRVR. Não há mais atividade de mineração em **Minas do Leão**, mas a empresa segue extraído carvão em outros municípios da região e faz o beneficiamento do minério em área junto ao aterro.

A última nota obtida pelo aterro de Minas do Leão no Índice de Qualidade de Aterros Sanitários da **Fundação Estadual de Proteção Ambiental (Fepam)** foi 92 pontos, em um total de 100, sendo o destino final do efluente gerado em dos principais motivos de o aterro não obter resultado máximo. O diretor técnico da Fepam Renato das Chagas e Silva observa que essa prática, de vincular os líquidos do aterro à lavagem de carvão, é autorizada, mas recentemente o órgão passou a exigir que as duas atividades sejam desvinculadas para seguir um padrão de aterros novos. A empresa tem em andamento um processo de licenciamento para a instalação de uma estação nova de tratamento de efluentes. O prazo para conclusão das obras é dezembro.

Há, segundo a **Fepam**, em torno de 40 aterros sanitários no Estado (só a CRVR tem cinco unidades). Em 2015, o Rio Grande do Sul conseguiu eliminar totalmente a disposição de resíduos em lixões. Sem tratamento, cuidado ou controle sobre o tipo de material descartado, os lixões eram usados por 5% dos municípios até 10 anos atrás, tornando-se focos de contaminação do ar e das águas e de alimentação e abrigo de organismos vetores de doenças.

## Leia outras partes desta reportagem:

**Minas do Leão tem economia movida pelo lixo**

**260 toneladas de resíduos recicláveis da Capital são enterradas por dia em aterro de Minas do Leão pela falta de separação de lixo**

**Ainda não é assinante? Assine GaúchaZH e tenha acesso ilimitado ao site, aplicativos e jornal digital. Conteúdo de qualidade na palma da sua mão.**

Mais sobre: [caderno doc](#) [vídeo](#) [minas do leão](#) [fepam](#) [lixo](#) [região carbonífera](#)

## RECOMENDADOS

Recomendado por



**Mitsubishi Pajero Sport desbanca Toyota SW4.**



**Lewandowski vota por soltar Lula e demais condenados pelo...**



**Veja o que os aparelhos auditivos devem custar**



**Tenha embarque prioritário na GOL**



**O que existe de concreto na possibilidade de o...**



**Fórum regional discute os desafios do agronegócio...**

## COMENTÁRIOS

[Redacted comment content]

[Redacted comment content]



## MAIS LIDAS

- Homem morre no entorno da Arena do Grêmio antes de Uruguai x Japão**
- Os dois jogadores que poderão render R\$ 300 milhões ao Grêmio**
- Bolsonaro anuncia PM da reserva para Secretário-Geral da Presidência**
- A surpresa do Grêmio para Cavani e Oscar Tabárez**
- Processo de verificação racial eliminou 43% dos cotistas na UFRGS**

## RECOMENDADOS

**Mitsubishi Pajero Sport encara qualquer caminho.**

**Dicas infalíveis no manejo de plantas daninhas.**

**Ex-goleiro do Grêmio acerta com time da Bulgária**

**Vídeo: A resposta de Bolsonaro para Lula**

**Fórum regional discute os desafios do agronegócio sustentável**

Recomendado por

**RECEBA GRATUITAMENTE O MELHOR DE GAÚCHAZH NO SEU E-MAIL E MANTENHA-SE SEMPRE ATUALIZADO.**

Seu e-mail

**ENVIAR**

Publicidade

